



ALGUNS OPERADORES ARGUMENTATIVOS EM “PROBLEMAS DE FAMÍLIA”
(SOME ARGUMENT OPERATOR IN “PROBLEMAS DE FAMÍLIA”)

Paula Renata BERTHO (Universidade Estadual Paulista – Assis)

ABSTRACT: *to make the analysis of the responsible mechanisms for argumentation of text, leading to examination about the use of connectives in an article to the magazine Q Cruzeiro – **Problemas de família** –, in order to detect ideological traces valids at 50's decade, thought characteristics in prominence at feminine speech.*

KEYWORDS: *argumentation; connectives; ideology.*

0. Introdução

Ao longo de nossa trajetória profissional (e de certo modo estudantil), chamounos a atenção os vários aspectos que entram na composição de um texto, quando pensamos a linguagem enquanto fonte de recursos para produzir efeitos de sentido. Tais recursos levam à constatação de que a existência de um texto está condicionada a mecanismos de organização calcados em ajustes tanto dos códigos da língua quanto da adequação aos destinatários.

Já se constatou que o texto não é apenas uma sucessão de frases ou palavras enunciadas aleatoriamente, pois, quando falamos ou escrevemos, estamos querendo comunicar **intenções**, ou seja, buscamos ser entendidos, desejamos estabelecer contratos verbais com nossos ouvintes ou leitores. Todavia, a apreensão desta dimensão “ativa” da linguagem não garante a redação de textos; produzir textos exige, além de algum domínio do sistema expressivo, o envolvimento com as coisas do mundo.

A questão básica envolvida na construção de um texto encontra-se, pois, centralizada na produção da coerência, isto é, no acerto das partes com relação ao todo textual. O ajuste seqüencial das idéias, a progressão dos argumentos, as afirmativas que são explicadas, as justificativas vinculadas a teses, as demonstrações acompanhadas de provas, as proposições que se concluem, as adequações destes (e outros) processos ao leitor e ao ouvinte constituem, entre outros elementos a que podemos aludir, amostras do modo como a “correspondência palavra/palavra” (Citelli, 1994:26) pode efetuar-se.

Do mesmo modo, é difícil imaginar a progressão de idéias, a exposição de pontos de vista, sem que haja o correspondente encadeamento sintático-semântico, em que palavras estão relacionadas a palavras, frases a frases, parágrafos a parágrafos. Noutros termos, é necessário pensar o texto enquanto produto da fusão entre níveis da **macro** (coerência) e da **microestrutura** (coesão).

Assim, em nossa linguagem cotidiana, procuramos executar manobras coesivas, muitas vezes com o intuito de melhorar a própria expressividade do enunciado. Devido a isso, é insuficiente considerar os elementos coesivos apenas como



elementos de ligação, como freqüentemente ensina a gramática normativa, sendo preciso entendê-los também enquanto instâncias capazes de produzir significados.

É preciso atentar para o fato de que o uso dos **conectivos** (mas, porém, embora, já que, pois, etc.); dos denotadores de **inclusão** (até, mesmo, também, inclusive, etc.); dos denotadores de **exclusão** (só, somente, apenas, senão, etc.); das **retificações** (aliás, ou melhor, isto é, etc.); dos índices **situacionais** (afinal, então, etc.) está fortemente implicado com a construção dos esquemas argumentativos.

A partir dessas considerações, pretendemos demonstrar a estreita ligação que as palavras estabelecem entre si e a função que exercem no texto, procedendo à exploração dos elementos lingüísticos responsáveis pela construção textual (no nível de operadores argumentativos) de um artigo da revista *O Cruzeiro* – ano de 1955 ¹, seção *Da Mulher para a Mulher* – intitulado *Problemas de família*, transcrito a seguir, com as linhas devidamente numeradas.

PROBLEMAS DE FAMÍLIA

1 Muita gente parece desconhecer que o excesso de
2 trabalho faz mal aos nervos. A mulher que trabalha fora,
3 que é mãe de família e dona de casa, vive sempre
4 esgotada, principalmente se vive numa grande cidade onde
5 há carência de quem ajude. Torna-se neurastênica e todos
6 sofrem com seu mau-humor. É esse o caso de nossa leitora
7 " Teresa Cristina", que nos pede um esclarecimento sobre
8 a sua maneira de ser, dizendo-nos que ela própria se
9 desconhece. Em primeiro lugar teve uma infância muito
10 acidentada. Perdeu o pai muito cedo, sofreu privações
11 materiais e, pior do que isso, jamais entendeu sua mãe
12 que intimamente reprova pela maneira por que sempre
13 tratou o pai, abandonando-o no momento em que mais
14 precisava da sua assistência. Teve, porém, a felicidade
15 de casar-se com um bom marido que a desposou apesar da
16 oposição feita pela família dêle.

17 A preocupação máxima da moça que já foi tão infeliz e
18 que agora desfruta a ventura de ter feito um bom
19 casamento, deve ser a de cultivar a felicidade
20 doméstica a custo de qualquer sacrifício: já para que os
21 filhos tenham um ambiente agradável, diferente do em que
22 ela se criou, já para que o marido não sofra
23 injustamente as conseqüências de uma criação defeituosa
24 como foi a da espôsa. Quando se casam, marido e
25 mulher assumem a responsabilidade de defender a união e
26 a integridade da família, o que não podem fazer se não
27 se entendem bem, se não são, enfim, felizes um com o



outro. Entretanto há espôsas, como essa nossa leitora, que transformam as menores dificuldades em verdadeiros empecilhos à felicidade do casal. Se têm necessidade de ajudar um cunhado menor não se lembram do quanto sofreram na infância - a fim de proporcionar agora ao menino um ambiente quanto possível agradável - mas, em vez disso, não cessam de ver e de procurar defeito no pequeno protegido e tudo isso é motivo de contrariedade. São às vezes coisas insignificantes, quase ridículas, mesquinhas até, que se transformam em fonte de aborrecimento. Enfim, isso também vai muito da imaturidade de uma espôsa muito jovem. Depois que ganha mais experiência da vida a mulher encontra o equilíbrio e fica mais tolerante e paciente. O pior é que essa paciência e essa tolerância às vezes já vêm tarde demais ...

MARIA TERESA

(Revista O CRUZEIRO, 23 de abril de 1955)

1. Esclarecemos que a escolha deste texto de 1955 deveu-se à nossa opção por trabalhar, na dissertação de mestrado, com textos voltados para o público leitor feminino. A fim de detectar as possíveis alterações de valores sociais referentes à mulher, faremos a análise dos operadores argumentativos, dentre outros recursos, presentes nos textos da década de 50 e nos atuais.

1. Análise

Com o intuito de realizar um trabalho de análise dos mecanismos responsáveis pela argumentatividade do texto, acima transcrito, procederemos à observação de algumas palavras consideradas decisivas para a efetivação das idéias que se desejam veicular.

Concentraremos nosso estudo na questão do “emprego dos conectivos”, sem prejuízo para a abordagem de outros elementos textuais, também importantes para a argumentação. É necessário, entretanto, salientar que os expedientes relacionais – conectivos ou operadores argumentativos – não são apenas partículas de ligação. Esses recursos executam também funções coesivas diferenciadas: levam à inclusão, à adversão, instauram procedimentos de causa e consequência, entre outras relações.

Como o uso da linguagem é inerentemente argumentativo, para visualizarmos o nexos, é preciso admitir, também, que existem enunciados cujo traço constitutivo é o de serem empregados com a pretensão de orientar o interlocutor para certos tipos de conclusão, com exclusão de outras formas de interpretações: “dentro de uma



pragmática integrada à descrição lingüística, introduz-se uma **retórica integrada**” (Koch, 1984:104).

Por outro lado, se o **ato de argumentar**, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato lingüístico fundamental, entendemos que a **todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**. É por esta razão que podemos afirmar, finalmente, que o discurso, para ser bem estruturado, deve conter, implícitos ou explícitos, todos os elementos necessários à sua compreensão; deve revelar uma conexão entre as intenções, as idéias e as unidades lingüísticas que o compõem por meio do encadeamento das idéias, da busca da textualidade, da *tessitura*, ou seja, da rede de relações que faz com que um texto seja um texto e não uma simples somatória de frases. Conforme Koch (1984) enfatiza,

... partindo do postulado de que se **a argumentação está inscrita no uso da linguagem**, adota-se a posição de que **a argumentação constitui atividade estruturante de todo texto e qualquer discurso**, já que a progressão deste se dá, justamente, por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto como fator básico não só de coesão, mas principalmente de coerência textual.

Dessa forma, a primeira marca lingüística da enunciação a chamar-nos a atenção está na linha 2. O emprego do adjunto adverbial **principalmente** é um recurso que, de modo geral, remete os possíveis interlocutores a um argumento de maior importância dentro de uma **escala argumentativa** (Ducrot). Ao dizer que *a mulher que trabalha fora, que é mãe de família e dona de casa, vive sempre esgotada, principalmente se vive em uma grande cidade*, o locutor elabora uma expansão determinativa realizada por meio das orações subordinadas adjetivas restritivas, operando uma seleção prévia do elemento em foco – não se trata de qualquer *mulher*, mas sim daquela a quem se atribuem tais qualificações. Nesse caso, a ressalva veiculada pela partícula modificadora orienta para uma conclusão específica, pois, na graduação acima citada, esse argumento é apontado como sendo dotado de maior força argumentativa.

O segundo elemento que merece destaque, enquanto análise dos conectivos, encontra-se na linha 3: *torna-se neurastênica e todos sofrem com seu mau-humor*. A partícula *e*, apesar de reconhecida como um recurso de função aditiva, algumas vezes desempenha funções que sustentam orações pautadas, semanticamente, pela prática adversativa. No caso do segmento em pauta, o *e* é utilizado para explicitar uma relação de **causa/efeito** diluída no texto: quando a mulher torna-se neurastênica, em consequência, todos sofrem com seu mau-humor. É, portanto, um elemento deslocado de sua função habitual para outra função que melhor se adaptou à intenção argumentativa do enunciador.

O terceiro caso digno de menção está na linha 4. Ao iniciar a frase usando a expressão **em primeiro lugar**, observamos que o locutor (no caso a articulista Maria



Teresa) busca inserir em seu trabalho marcas que lhe permitirão, no momento da construção, organizar uma enumeração dos fatos; e, ao interlocutor, identificar a orientação argumentativa que pretende induzir ao empregar tal recurso. Essa expressão estabelece, assim, um significativo expediente para desenvolver uma proposição.

Outro expediente a ser considerado apresenta-se transcrito nas linhas 5 e 18. Trata-se das formas *pior do que isso/pior é que*. Essas expressões revelam a inclusão de um argumento mais forte que direciona o escrito para uma conclusão negativa. Partindo dessa constatação, é importante ponderarmos, aqui, que a **escala argumentativa** subentende a existência de outros argumentos anteriormente citados no texto – **Em primeiro lugar teve uma infância muito acidentada** (linha 4) / *perdeu o pai muito cedo* (linhas 4 e 5) / *sofreu de privações materiais* (linha 5). O segmento introduzido por “pior do que isso” constitui um argumento que se sobrepõe aos anteriores: *e, pior do que isso, jamais entendeu sua mãe que intimamente reprova pela maneira por que sempre tratou o pai, abandonando-o no momento em que mais precisava da sua assistência* (linhas 5 e 6).

Outro exemplo expressivo encontra-se realçado pelo aparecimento da conjunção adversativa **porém**, na linha 6. Como é de nosso conhecimento, a conjunção adversativa é responsável por mudar o eixo argumentativo, visto que exprime contraste, oposição ou compensação de uma oração em relação à anterior. Desse modo, no exemplo considerado, o **porém** redireciona o assunto que está sendo tratado para uma conclusão positiva, pois até então predominavam os argumentos introduzidos por “pior do que isso”.

Assim, voltados para o texto, concluímos que mesmo tendo sofrido todos os problemas arrolados no item anterior (conclusão negativa), “Teresa Cristina” – foco do texto adotado como *corpus* –, contrariando o que poderíamos esperar como consequência imediata para sua vida, *casou-se com um bom marido*. A conclusão a que orientava todo o conjunto precedente não é confirmada, e é operado um jogo de contraste.

Analogamente, o sexto caso a ser abordado – a expressão concessiva **apesar de** (linha 7) – fortalece nosso estudo sobre a condição de “Teresa Cristina”: o marido não se importou com o passado da mulher, já quanto à família dele não se pode dizer o mesmo...

Considerando que “as concessivas indicam que um obstáculo – real ou suposto – não intervirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal” (cf. Gama Kury, 1985:92), **apesar de** funcionará como uma espécie de elemento responsável por valorizar a conclusão positiva já especificada pelo conectivo **porém** (linha 6), uma vez que a família, podendo interferir na realização do conteúdo da oração principal (o casamento), não o faz. Há, no enfoque, a previsão de uma oposição, que não se efetiva.

Logo, a trajetória de “T. Cristina” (retratada até o presente momento), traçada por rápidas pinceladas, reduzir-se-á a: ter tido uma infância turbulenta (...) **pior do que isso** jamais ter entendido sua mãe (...) **porém** ter se casado com um bom marido (...) **apesar da oposição feita pela família dele** (...).



Por outro lado, diante da nova realidade vivida por “T. Cristina”, os argumentos adquirem uma certa estabilidade, passando a ter um mesmo nível de importância: ***já para que os filhos tenham um ambiente agradável, diferente do em que ela se criou, já para que o marido não sofra injustamente as consequências de uma criação defeituosa como foi a da esposa (...)***, linhas 9 e 10.

A partir da linha 11, o locutor parece abandonar o caso particular de Teresa Cristina – que se transforma em exemplo – e assume um tom doutrinário, extensivo a todas as esposas. Desse modo, a utilização do conectivo ***enfim***, assinalado nas linhas 12 e 16, direciona, por um lado, a estrutura até uma conclusão previamente marcada e introduz, por outro, uma asserção que visa a confirmar o fato enunciado na oração anterior.

Assim, em *o que não podem fazer se não se entendem bem, se não são, **enfim**, felizes um com o outro* (linhas 11 e 12), estamos diante de uma construção cuja tendência é a de arrematar o pensamento proposto anteriormente. No exemplo, verificamos uma forma de conferir um acabamento às considerações, uma conclusão de fato.

Já em *coisas insignificantes, quase ridículas, mesquinhas (...)* que se transformam em fonte de aborrecimento. ***Enfim, isso (...)*** vai muito da imaturidade (linhas 15 a 17), o ajuste, que se quer definitivo, possui, antes, a função de um recurso atenuador, de uma ‘falsa conclusiva’ para o discurso. A impressão que temos é a de que o locutor percebe o quanto seus argumentos foram incisivos e decide, por meio do item em questão, concluir resumidamente (*isso*) sua aparente agressividade, atribuindo à imaturidade todo o teor resumido por *isso*.

O fenômeno hierárquico procedente à colocação da partícula ***até*** (linha 16) será nosso penúltimo foco de análise. Quando utilizamos essa forma, geralmente tencionamos destacar um acontecimento, um indivíduo ou uma atitude. Na linha 16, então, ao especificar as atitudes que podem se transformar em fonte de aborrecimento para o casal, o locutor fala em *coisas insignificantes, quase ridículas, mesquinhas até* (...). Nesse caso, por existir uma escala argumentativa, o operador estabeleceu a orientação visando a assinalar o argumento mais forte – *mesquinhas* – para uma conclusão.

Finalmente, o último item a ser abordado no material adotado como *corpus* para o nosso trabalho é o marcador ***também*** (linha 16). Pelo fato de existirem duas escalas orientadas no mesmo sentido ((... *isso também vai muito da maturidade (...)*) – não nos esqueçamos de que o elemento *isso* é responsável pela reativação de referentes anafóricos no texto e, portanto, relaciona-se à reiteração de outros argumentos – o locutor, ao executar a construção com a palavra ***também***, faz uso de uma forma destinada à inclusão de um argumento suplementar capaz de assegurar e ratificar suas idéias. Nesse caso, como já assinalamos, não só ratifica e assegura como ameniza o teor agressivo dos argumentos anteriores.

2. Conclusão



Com a abordagem dos poucos recursos aqui destacados, foi-nos possível depreender que as relações argumentativas ou pragmáticas desempenham extraordinária importância na estruturação do discurso. São elas que edificam os enunciados em texto, na maioria dos casos por intermédio dos operadores argumentativos, fazendo, desse modo, com que a estrutura argumentativa do discurso seja responsável pela ‘sustentação’ do sentido do texto.

RESUMO: realizar a análise dos mecanismos responsáveis pela argumentatividade do texto, procedendo ao exame referente ao emprego dos conectivos, em um artigo da revista O Cruzeiro – *Problemas de família* –, a fim de detectar traços ideológicos vigentes na década de 50, considerados característicos na projeção do discurso feminino.

PALAVRAS-CHAVE: argumentatividade; conectivos; ideologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CITELLI, A. *O texto argumentativo*. São Paulo: Scipione, 1994.
GAMA KURY, Adriano da. *Novas lições de análise sintática*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1985.
KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.
TERESA, Maria. Problemas de família. *O Cruzeiro*, seção Da Mulher para a Mulher, 23 de abril de 1955.